

# Dissertação resgata obra

MARIA ALICE DA CRUZ  
halice@unicamp.br

**H**ortíssimo, decidiu o instrumentista austríaco ao dedicar uma composição sua a Toninho Horta, um dos músicos mineiros mais reconhecidos mundialmente. Entre as homenagens de que tem conhecimento até hoje, Horta contou 56, entre discos e músicas, distribuídas pelo mundo. Entre as iniciativas que o deixam lisonjeado está a decisão da musicista Thais Nicodemo em dedicar à sua obra a dissertação de mestrado “Terra dos pássaros: uma abordagem sobre as composições de Toninho Horta”, orientada pelo professor Antônio Rafael dos Santos, no Departamento de Música do Instituto de Artes da Unicamp. A pesquisa foi concluída 30 anos depois do lançamento de seu primeiro disco autoral, *Terra dos Pássaros*, gravado em São Paulo, Rio de Janeiro e Estados Unidos, de 1976 a 1979, com a participação de músicos da Orquestra Sinfônica Municipal da cidade. Todas as músicas do álbum foram objeto de análise de Thais. Coincidência ou não, também 30 anos depois, Toninho Horta atraiu fãs de várias gerações ao Ciclo Básico II da Unicamp e a um bar de Campinas para um show dentro do evento Brasil Instrumental, promovido pelo Conservatório Musical de Tatuí e pela Unicamp. “Estávamos em Vinhedo (São Paulo) e viemos correndo para assistir ao show”, disse o maestro formado pela Unicamp Wilson Nascimento, que também aproveitou a oportunidade rara.

“Gostei do fato de a Thais ter me escolhido para fazer uma tese. Isso mostra que também tem admiração por meu trabalho. O que eu acho muito lindo. Ela é uma pessoa muito talentosa, musical. Eu fiquei muito feliz com este trabalho dela”, disse Horta. Além da colaboração de Benito Juarez, professor aposentado do Departamento de Música da Unicamp e maestro da Sinfônica Municipal na época, vários profissionais e intelectuais de Campinas participaram da produção, entre eles a irmã de Horta, Lena Horta, e seu cunhado, Yuri Popoff, músicos da Sinfônica, e o escritor e letrista Cacaso [Antônio Carlos de Brito – 1944-1987], na época pós-graduando na Unicamp. É de Cacaso a letra de *Pedra da Lua*. Com uma simplicidade que lhe é marcante, Horta se diz sempre pronto a agregar talentos e amigos, dando oportunidade a jovens músicos e letristas, como aconteceu com Cacaso. No show da Unicamp, tocou e cantou ao lado de alunos instrumentistas e da cantora Catina de Luna, formada pela Universidade. Rafael dos Santos acompanhou a produção do álbum. “Lembro dessa fase, eu estava voltando da Europa e minha mulher é violinista, ela tocava na sinfônica. Conheci todo pessoal que participou da gravação”, relembra Santos.

A concentração de fãs e amigos (músicos ou não) ao redor de Horta antes e depois do show mostrou o quanto, 30 anos depois de *Terra dos Pássaros*, ele, naturalmente, criou uma legião de admiradores e seguidores em Campinas e no mundo, confirmando suas palavras: “Nessa coisa de rodar o mundo a trabalho – só no Japão estive 22 vezes e em Nova York morei dez anos –, descobri que discos meus foram relançados sem que eu mesmo soubesse. Estava numa boate no Japão, participando de um festival de música eletrônica e instrumental brasileira, e o dono do estabelecimento me chamou: ‘Toninho Horta, Toninho Horta, *one hundred fifty dollars*’, dizendo que havia comprado meu disco por 150 dólares. Logo em seguida, outro senhor japonês me pediu para esperar e voltou meia hora depois com meu disco. Esta manifestação dos japoneses e em outros lugares do mundo mostra que minha obra se tornou referência e isso é gratificante”, declara Horta. *Terra dos Pássaros* está no livro *300 Discos Importantes da Música Brasileira*, organizado pelo músico Charles Galvin.

O diferencial de Horta está na sonoridade alcançada por meio de sua forma particular de executar seus acordes. A mesma diversidade de recursos identificada por Thais nas composições e interpretações do artista deve ter encantado tantos fãs mundo afora. A pesquisadora e o orientador Rafael dos Santos explicam que ele articula vários recursos diferentes, tanto da harmonia tonal quanto da modal – tipo de acordes que não são tão polarizados como na harmonia tradicional. “As melodias dele têm características que chamamos de modal, por isso consegue essa fluência melódica”, diz Santos. Consegue certa resolução de acordes que não é a esperada. Segundo Rafael dos Santos, o artista se utiliza de um jeito diferente e próprio de afinar o violão, o que também influencia no resultado “inesperado”, como *Céu de Brasília* e *Diana*. Os pesquisadores acrescentam Horta faz parte de uma escola de violão mineiro que inclui Chiquito Braga e Juarez Moreira. Os três, na opinião deles, têm essa linguagem em comum.

Santos explica que a característica mineira está mais no processo de criação que no produto final. “O processo abre caminho para várias maneiras diferentes de criar. Você pode ter produtos diferentes, mas reconhece que vem de Minas por causa da maneira como isso é feito”, explica o professor. Ele lembra que Milton Nascimento também inventa acordes no violão, misturando música de igreja com rock, entre outras coisas. “Tem coisas que você ouve e fala: isso é Minas, né?”, brinca.

## Acordes cheios

De um jeito simples e descontraído, Horta conta que a transformação da sonoridade violonística em som de orquestra, permitida pelas experimenta-



Toninho Horta, em show realizado no último dia 29 no Ciclo Básico II da Unicamp: legião de admiradores em Campinas

ções com o violão ou a guitarra, acabam agradando e atraindo as pessoas. Desde seus 8 anos de idade, ao ouvir o irmão Paulinho Horta, ele começou a buscar um jeito próprio de tocar violão. Nesta época, já era um autodidata dedicado e, aos 10, iniciou a dedicação à composição. “Busquei um jeito próprio de tocar. Além de ter desenvolvido uma grande escola de acordes que eu fiz, acabei descobrindo minhas próprias direções. Mas toco com cinco dedos, então os acordes soam mais cheios. E como tenho influência de música brasileira e do jazz, às vezes faço umas coisas de flauta, trompa. Um glissando (ornamento). Às vezes faço uma coisa rítmica. Vou misturando ritmos de orquestra no jeito de tocar violão. Então, foi um jeito que achei de não ficar só acompanhando a música do começo ao fim. Parece que tem mais instrumentos. E as pessoas gostam”, explica. Para Thais, o músico utiliza aberturas de acordes muito incomuns e caminhos harmônicos decorrentes de conduções de vozes. “Acho que essas coisas contribuem para que ele tenha essa concepção tão particular”, acrescenta Thais.

E *Terra dos Pássaros* tem muito dessa concepção do artista, segundo a pesquisadora. Versátil, ele participou de todo processo de produção do

disco, desde a gravação das bases, da voz guia, a execução de vários instrumentos, depois fez os arranjos para a orquestra, regeu, tirou fotos para o encarte e ainda participou da mixagem. Assim como o trabalho no palco, o disco mistura canto e instrumental. Na análise de Thais, uma particularidade do compositor é a exposição instrumental de uma canção por meio de vocalizações da melodia sem o texto. A partir de *Terra dos Pássaros*, além de compositor instrumentista e arranjador, Horta passa a atuar como intérprete, iniciativa comum entre compositores da década de 1970 a 1980. “A forma dele de compor é sempre muito cantada. As composições têm relação forte com o canto. Mesmo nas músicas que não têm letra, ele canta as melodias enquanto faz os acordes”, enfatiza.

A independência é característica marcante em todos os aspectos da trajetória de Horta. É como se não existisse um monopólio impeditivo de uma indústria cultural ou fonográfica para produzir e difundir coisas boas. *Terra dos Pássaros* pode ter levado anos para ser gravado, mas, requisitado inicialmente pelas mãos de Milton Nascimento, e em seguida por Lô Borges e todos demais integrantes do Clube da Esquina, Horta tirou de seu próprio trabalho força e recursos para

gravar o álbum do jeito que imaginava ser seu primeiro disco. “Embora tenha se aprimorado tecnicamente ao longo dos anos que ultrapassam as demarcações da pesquisa, notamos que desde seu primeiro disco autoral, gravado de forma independente, o artista revela uma concepção musical muito própria, que se mantém até os dias atuais”, explica Thais.

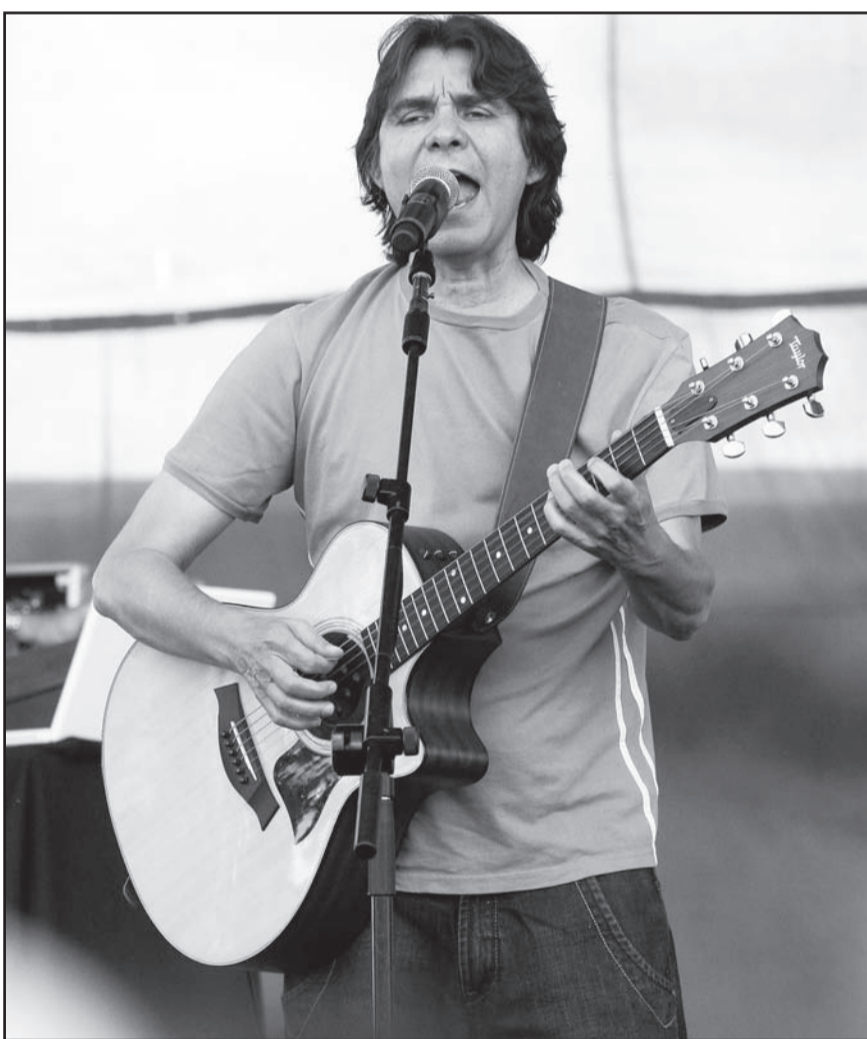
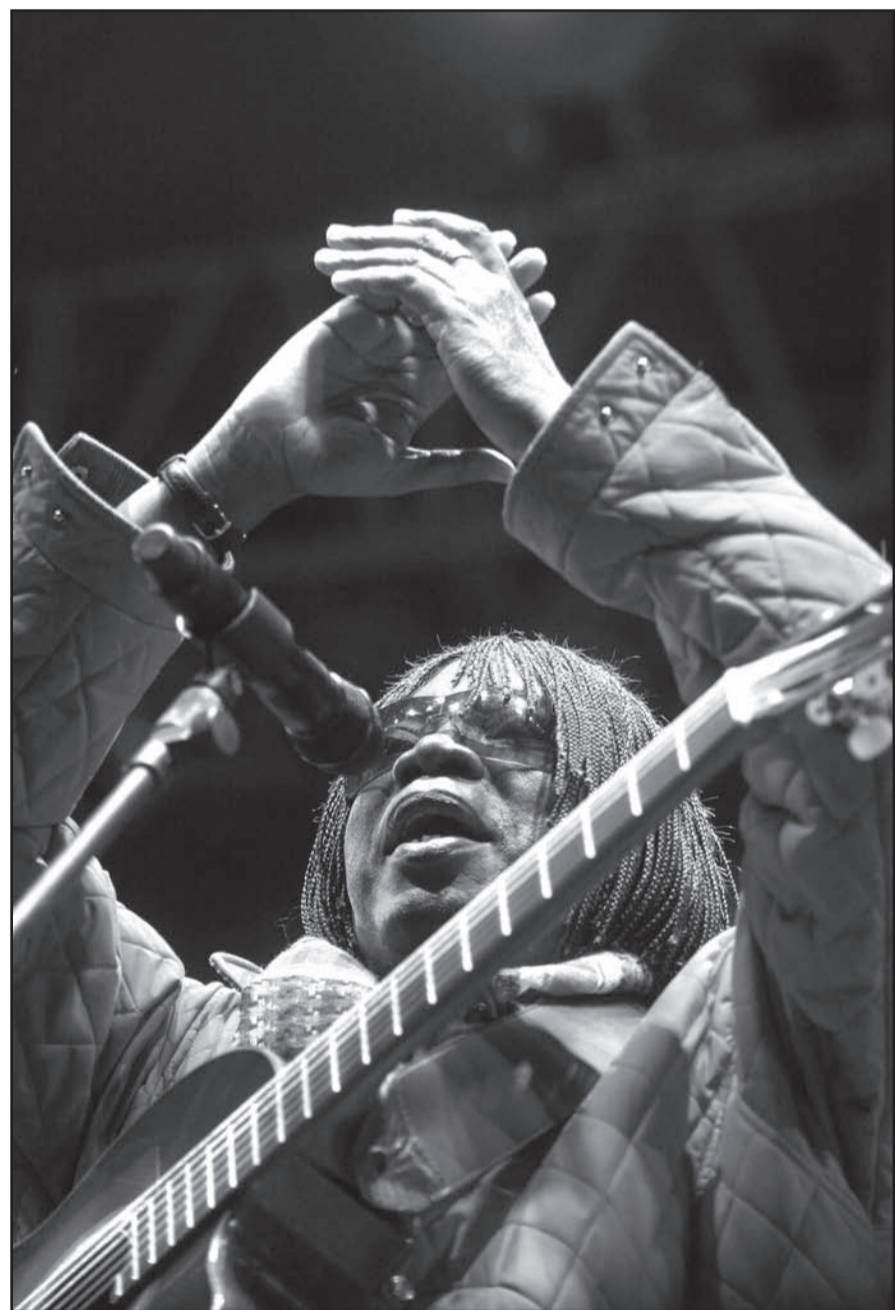
Ela acrescenta que suas obras não se constituem apenas de letras, melodias e acompanhamentos, mas apresentam uma concepção integrada de melodia, harmonia, contracantos, letra, arranjos e improvisos. Para Thais, o músico confere importância igual aos diversos elementos constitutivos de suas composições, o que resulta em peças peculiares, com harmonias elaboradas, longas introduções instrumentais, interlúdios, permeadas por improvisos e contracantos, que dialogam, também, com os arranjos de base e orquestrais e com o conteúdo poético das letras, no caso de suas canções.

Mas Horta faz uma revelação sobre a gravação de *Terra dos Pássaros*. Um cheque de “Vinte e tantos mil dólares”, como disse, enviado pela banda norte-americana Earth, Wind and Fire, que “tomou emprestadas” algumas notas e células da música *Beijo Partido*, permitiu que o artista bancasse vários



O professor Rafael dos Santos, orientador, e a musicista Thais Nicodemo, autora da dissertação: olhar sobre disco que é considerado um dos mais importantes da música brasileira

# seminal de Toninho Horta



Fotos: Felipe Christ

No sentido horário, Wagner Tiso, Toninho Horta, Lô Borges e Milton Nascimento, em festival que reuniu em 2009 integrantes do Clube da Esquina na cidade mineira de Três Pontas: na história da MPB

aspectos da produção do disco, entre eles a contratação de orquestras para tocarem ao vivo. “Até então estávamos trabalhando com orquestra fantasma, buscando sons similares de trompa, flauta em outros instrumentos. Mas como eles reconheceram que a música era minha pudemos ter a orquestra ao vivo”, explica. Uma realização para o garoto que aos 8 anos de idade se emocionava ao ouvir o som de violino, Schubert, Tchaikovski e, aos 10, já estava dublando Ray Charles, Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, trilhas de filmes de Oklahoma, Sami Davis Junior, entre outros.

“Nunca tive paciência para o estudo formal”, diz Horta, revelando sua independência desde a infância. Mas isso, pelas análises de Thais, também não o atrapalharam em nada. As análises das composições do álbum *Terra dos Pássaros*, segundo a autora, a conduziram a uma investigação mais aprofundada sobre os procedimentos violonísticos particulares utilizados pelo artista e sobre a importância da canção em seu processo criativo. “O uso de técnicas violonísticas específicas representa um significativo componente da concepção musical de Horta. Se por um lado o autodidatismo pode limitar o conhecimento musical e técnico, por outro permite a criatividade e o desenvolvimento

de linguagens inovadoras”, na opinião da autora. As peças ganharam análise quanto às estruturas composicional, melódica e os arranjos. Fazem parte do álbum as peças *Céu de Brasília*, *Diana*, *Viver de Amor*, *Dona Olímpia*, *Pedra da Lua*, *Serenade*, *Aquelas Coisas Todas*, *Falso Inglês*, *Terra dos Pássaros*, *Beijo Partido* e *No Carnaval*. Segundo Thais, o disco reúne algumas das canções mais conhecidas de Horta, e isso influenciou na decisão pelo tema.

### Clube da Esquina

A trajetória musical de Horta está entrelaçada à história do Clube da Esquina. Em *Terra dos Pássaros*, ele, que já constava na ficha técnica de outros discos como instrumentista, contou com a participação de companheiros do Clube como Novelli, Wagner Tiso, Robertinho Silva e Nivaldo Ornelas. “Este aspecto reforça a identidade sonora do grupo de artistas mineiros, que mesmo ao se lançarem em trabalhos solo continuam participando de discos uns dos outros”, diz Thais.

A pesquisa acompanha a biografia de Horta, focalizando o período que parte do início da trajetória musical, no final dos anos de 1950, até 1980, quando *Terra dos Pássaros* foi lançado. Tentando entender a relação de cada

momento dele com a música popular, ela descobriu sua atuação importante como instrumentista nos anos 1970. “Ele gravou muitos discos da música popular, inclusive com Edu Lobo, João Bosco, vários discos históricos”, declara Thais. Ela acrescenta que durante toda a década de 1970, o artista teve músicas gravadas por outros intérpretes, se destacando como compositor. *Beijo Partido* foi a de maior destaque, ao ser interpretada por Nana Caymmi, que foi tema de novela. Entre os artistas que começaram a gravar suas músicas destacam-se Simone, Joyce e Roberto Menescal.

Ao fazer um estudo de discos que Horta participou ao mesmo tempo em que gravava *Terra dos Pássaros*, Thais identificou uma relação grande entre eles no que diz respeito à sonoridade da época. Ouvindo álbuns de Taiguara, Hermeto Pascoal, em que Horta os acompanha tocando guitarra, a pesquisadora encontrou sonoridade similar de seu primeiro álbum solo. O disco *Clube da Esquina 2*, de Milton Nascimento, de 1978, é um disco com sonoridade muito densa, arranjos para orquestra de cordas, além de incluir a faixa *Dona Olímpia*, gravada em *Terra dos Pássaros*.

Mas não foram só os setentistas que se renderam à arte de Horta. Segundo

o cantor, músicos jovens do gênero instrumental ao pop rock são levados a ele pelo desejo de gravar algo de seu repertório ou ao lado dele. Recentemente, aceitou um convite de Toni Garrido, mas também se achegaram Samuel Rosa, vocalista da banda Skank, Seu Jorge, Lulu Santos. “É muito bom saber que sou referência para jovens instrumentistas. Isso aumenta a responsabilidade”, declara Horta.

Nem um pouco avesso às novas formas midiáticas de produzir música – desde a mídia para gravação até a mídia para difusão –, Horta não pára de desejar difundir música brasileira de qualidade. As redes sociais fazem parte de seu cotidiano e até contribuem para que ele identifique o relançamento de suas obras. “Minhas viagens foram importantes para descobrir o quanto meus discos são relançados e adquiridos. Agora quero organizar tudo isso em meu novo site oficial, que está em fase de finalização. Mesmo tendo me desvinculado das gravadoras, tenho direito a 10% das vendas”, explica. A nova página eletrônica, segundo ele, envolverá informações sobre carreira, agenda, dados, fãs clube, blog, conexão com redes sociais como todos esses sites, myspace, facebook, twitter e um link para o selo próprio Minas Records. “Criei o selo para divulgar meu traba-

lho e agora com o site vai ficar mais interessante porque a gente pode fazer uma venda mais direta. Cansei de ver disco meu por 70 dólares, 80 dólares. Vamos tentar disponibilizar as músicas para os fãs, e o que não conseguirmos licença vamos importar para que o fã clube tenha acesso”, declara.

Não muito distante da gravação, o título *Terra dos Pássaros* – inspirado na primeira guitarra Gibson, preta, chamada BirdLand, comprada em Los Angeles pelo músico, depois de um cachê recebido de Milton Nascimento – passou a dar nome a uma empresa, localizada em Belo Horizonte. “Tinha de ter nota fiscal, por causa de burocracia e eu tive de abrir a empresa. E a empresa virou Terra dos Pássaros também”, relata. Inscrição fiscal que rendeu eventos importantes para a música brasileira, segundo Horta. Durante vários anos, a empresa organizou um Seminário de Música, criou um espaço cultural no quintal da casa do artista, em BH, no qual “bombavam eventos de música instrumental e tinha outros eventos também”. Entre estes duas noites com alguns artistas do Clube da Esquina, que incluíram Beto, Flávio, Tavito, Nelson Ângelo, Wagner Tiso e Robertinho. “Até outros que não eram mineiros vestiram a camisa de Minas Gerais”, brinca.

“São 40 anos de estrada. Vinte e seis na empresa Terra dos Pássaros, e o disco, que já vai para 30 anos, virou disco de cabeceira para artistas como Samuel Rosa e Lulu Santos. Tem uma galera que curtiu”, comemora. O álbum foi lançado no mesmo ano de *Toninho Horta*. “Levei três anos tentando ganhar dinheiro, daí entra no estúdio, ganhava mais um pouquinho, até que a banda reconheceu minha melodia e pagou os direitos. Dava para comprar um apartamento, mas preferi contratar as orquestras de Campinas e do Rio de Janeiro”, relembra.

Horta conta que o lançamento em 1979 foi adiado por causa de uma inundação em São Bernardo do Campo. “Ficaram boiando sei lá quantos mil LPs na época. Aí virou 1980. Nesta época, eu tinha rodado todas as gravadoras do Brasil. As principais multinacionais da época. E ninguém se interessou pelo disco. Teve um cara que disse: ‘Esse disco não vai vender nunca.’ Mas é o disco que mais vende. Vai pingando, pingando”, declara.

Logo em seguida, Horta recebeu convite da EMI Odeon para gravar um disco, já que a música *Beijo Partido* tinha ficado conhecida pela voz de Milton Nascimento e Nana Caymmi. “Naquela época eu trabalhava com muito cantor e compositor. Aí falei com o pessoal da Odeon que aceitaria o convite se editassem o *Terra dos Pássaros*. Eles já tinham dito não, mas como eles queriam gravar um disco comigo, eu fiz a exigência e deu certo. Publicaram *Terra dos Pássaros* em março de 1980 e seis meses depois, em dezembro, já estávamos lançando *Toninho Horta*”, relembra.

Quando passaram oito anos, o músico recebeu convite do diretor artístico da Polygram Internacional da época, hoje Universal para gravar três discos. Gravei um álbum 70% instrumental e 30% cantado. Em 1988, depois de deixar a Polygram, lançou pela Polygram do Japão o mais oneroso disco do mercado, a R\$ 460.

Um dia antes do show na Unicamp, Horta havia assinado o disco *Toninho Horta*, e o dono do disco disse que seria uma nova edição da EMI, com a caixinha diferente. “Quer dizer, o pessoal está sabotando mesmo. Meus discos vendem. Passam anos e continuam vendendo. É pouco, mas esse pouco não pára. Interessante. Não vejo muita coisa em ter dinheiro assim, mas já é hora de eu chegar lá e falar: Olha os direitos que eu tenho”, diz.

### Publicação

**Dissertação:** “Terra dos pássaros: uma abordagem sobre as composições de Toninho Horta”,  
**Autor:** Thais Nicodemo  
**Orientador:** Antônio Rafael dos Santos  
**Unidade:** Instituto de Artes (IA)